

## Historiografias e Histórias em Maquiavel: diversas formas de reinscrever a *Virtù* para a Defesa do *Vivere Libero*

Histories and Historiographies in Niccolò Machiavelli: Different forms to reestablish *Virtù* for Defending a *vivere libero*

Jean Felipe de Assis\*

**Resumo:** As concepções de História na Renascença expressam grande valor à antiguidade, mas também demonstram suas eminentes necessidades sociais em diversos níveis de discursos. Assim, as inter-relações entre justiça, liberdade e vontade, juntamente às novas tendências historiográficas a revigorar tradições do mundo antigo, demandam comprometimento pessoal e público na exaltação das potencialidades e dos limites humanos. Os modos de entender a História em Maquiavel mostram as constantes ascensões e quedas das ordens civis, ao mesmo tempo que destaca a permanência dos tipos e dos exemplos humanos para o cultivo da *Virtù* em face às ações da *Fortuna*. Dialogando com uma concepção cíclica da História, evidencia uma disparidade entre a digna *Virtù* dos antigos e a decadência de seus contemporâneos. As concepções e ações dos antigos romanos, portanto, devem ser entendidas e imitadas.

**Palavras-chave:** Maquiavel; História; *Virtù*; Liberdade

**Abstract:** Renaissance's conceptions of History express considerable value for ancient *exempla*, as well as unveil their own social needs at different levels of discourse. Thus, the interrelationships between justice, freedom and human will, together with the new historiographical tendencies that reinvigorate ancient traditions, demand personal and public commitment in the exaltation of human potentialities and limits. The different ways of understanding History in Maquiavel disclose the constant rise and fall of civil orders, while indicating the longevity of human types and *exempla* – helpful in order to cultivate *Virtù* in face of *Fortuna*'s actions. By dialoguing with a cyclical conception of history, Maquiavel asserts a disparity between the dignified ancient *Virtù* and the decay habits of his contemporaries. Therefore, conceptions and actions from the ancient Romans must be understood and imitated.

---

\* Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Keywords: Maquiavel; History; Virtù; Freedom.

A relevância da História na sistematização do pensamento político e na imitação das boas ações mescla-se com a importância da retórica para a escrita historiográfica em Maquiavel (COCHRANE, 1981, p. 265). Suas obras desvelam modos de ler os acontecimentos históricos sem a necessidade metodológica criteriosa de uma comparação das fontes, dos modelos e das formas discursivas, mas ressaltam evidências a respeito dos modos pelos quais "leis políticas" possam ser inferidas e imitadas, mesmo que para isso existam "distorções" às versões mais factuais (p. 266-269). De fato, os preceitos históricos auxiliam nas ações pedagógicas de reinserir a *Virtù* no confronto direto contra a corrupção a partir dos bons exemplos a serem imitados nas ocasiões civis e nas circunstâncias cotidianas (D.I.IO)<sup>1</sup>. As múltiplas tradições historiográficas no *humanismo cívico*, embora possuam uma complexidade maior do que as reconstruções republicanas salientam, há constantes reformas morais e cívicas em que as formações sociais e instituições governamentais estão alicerçadas na educação humana, a qual não entendida como um modelo estático, mas enfrentando constantes crises, sincretismos, desenvolvimentos e transformações (HANKINS, 2019, p. xi-xxi; 499-506.).

Constata-se, assim, um império das letras na constituição das cortes renascentistas e na formação de seus cidadãos, perpassando hábitos, costumes, produções literárias, execuções artísticas e métodos historiográficos. As tradições da Antiguidade clássica, em suas perspectivas estéticas, éticas, filosóficas e linguísticas articulam as constituições locais das cidades-estado renascentistas. Essas são incorporadas nos diversos níveis sociais, inclusive nas formas dos regimes políticos ou nos tipos de governo particulares mediante investigações históricas, filológicas e intelectuais. Desse modo, as discussões linguísticas, especificamente sobre os valores da língua latina e a importância das manifestações vulgares, integram discussões literárias e históricas no cotidiano das cortes, a ponto das bases de sustentação civil, também em suas articulações econômicas, gradativamente desvelar a relevância das técnicas apreendidas nos círculos humanistas. Assim, os modelos pedagógicos das cortes renascentistas fornecem a imagem de um humano integral, a atuar

---

<sup>1</sup> Foram utilizadas as seguintes obras para uma análise exegética: *Il Principe* (P); *Discorsi Sopra la Prima Deca di Tito Livio* (D); *Istorie Fiorentine* (IF); *L'Arte della Guerra* (AG); *La Vita di Castruccio Castracani da Lucca* (CC); *La Mandragola* (Mand.); *Clizia* (Cl); *I Decennali* (Dec.). As obras, para referências, são: *Tutte le Opere di Niccolò Machiavelli a cura di Francesco Flora e di Carlo Cordiè – 2 volumi*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1949. *Oeuvres Complètes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1952. *Machiavelli: the Chief Works and Others 3 vol*. Durham: Duke University Press, 1989.

nos diversos níveis sociais, culturais e políticos. Por outro lado, diante da multiplicidade de movimentos renascentistas por todo o território europeu, as decorrentes críticas aos luxos e aos abusos de poder das cortes também associam os trabalhos humanistas a uma decomposição dos costumes tradicionais. A ênfase na vida ativa, em contrapartida à vida contemplativa, destaca tanto a glória terrena quanto o amor à pátria (DUGGAN, 2016, p. 86). Intrigas, instabilidades, disputas e devassidão são algumas das características atribuídas aos centros urbanos do período, essas que contribuíram para um gradual controle das populações e as transformações monárquicas dos séculos XVI e XVII. Nas palavras de Burckhardt, as heranças renascentistas buscavam tanto a glória, quanto sua sublevação por inversões hierárquicas (BURCKHARDT, 2009, p. 140-144).

Peter Burke associa os trabalhos de Burckhardt ao intuitivo, relativismo e ao ceticismo. A exemplo de alguns humanistas, a História, uma literatura imaginativa, é vista como Arte (BURKE, 2009, p. 19). Ao não coletar exaustivamente os fatos, mas aqueles que caracterizam uma época ou constituem uma ideia, a narrativa histórica assemelha-se à pintura de um quadro, conforme as analogias com as artes pictóricas desvelam: escolha, visão, apresentação (BURKE, 2009, p. 20). Devem ser salientadas as repercussões das recuperações da Antiguidade nas diferentes camadas sociais ao longo do tempo, visto que os cortesãos, artistas e patrícios urbanos possuíam interesses díspares, os quais não necessariamente estariam de acordo com as elites dirigentes que rapidamente se apropriaram dos movimentos mediante as especificidades de cada cidade-estado (BURKE, 2014, p. 48-49). As famosas famílias e as cortes eclesiais reuniam ao redor de si artistas, artesãos, intelectuais nas mais diversas formas de utilização dos recursos. Gradativamente, portanto, os movimentos humanistas eram cristalizados e se tornavam parte integrante dos sistemas educacionais, nas cidades italianas e em toda a Europa (BURKE, 2014, p. 50-51).

As concepções de História na Renascença expressam grande apreço à antiguidade, mas também demonstram suas necessidades sociais mais profundas em diversos níveis de discursos. Assim, as inter-relações entre Justiça, Liberdade e ambição humana, juntamente a novas tendências historiográficas a revigorar tradições do mundo antigo, demandam comprometimento pessoal e público, na exaltação das potencialidades e dos limites humanos<sup>2</sup>. As possíveis mediações entre ponderações utópicas e realidades históricas requerem um novo universo teórico em que a ruína e a reinvenção dos modos de

---

<sup>2</sup> Uma pretensa harmonia alcançada pelos antigos poderia ser reestabelecida pelo estudo de suas obras literárias e artísticas, necessitando desejo e abertura dos contemporâneos para a reconquista das riquezas e dos tesouros expressos pelo pensamento clássico (GARIN, 1978, pp. 16-28).

entendimento são primordiais (BIGNOTTO, 1991, pp. 38-42). Para tanto, tais autores mergulham nas profundezas do passado ao almejam uma transformação presente em uma abertura para o novo. Nas palavras de Eugenio Garin, “o antigo não é um campo de pesquisa curiosa”, mas uma possibilidade de encontrar “plenitude e harmonia” acessíveis<sup>3</sup>. Esse pensador italiano, portanto, propõe uma compreensão abrangente do *nodo técnica-scienza-arte* em que as principais figuras intelectuais do período não estejam restringidas a prenúncios dos avanços modernos ou a exemplos de um pretenso atraso medieval (GARIN, 1975, pp. 89-95). Exemplifica, nas discussões da arte e do saber de Leonardo da Vinci, os meios pelos quais o histórico desvela uma sede singular de conhecimento a expressar, em diversos modos visíveis, os ânimos humanos mediante organizações sistemáticas da experiência (GARIN, 1975, pp. 59).

Ao incorporarem as heranças clássicas nas tradições herdadas do pensamento medieval, rompendo com qualquer concepção dicotômica existente entre “via contemplativa e via ativa”, esses pensadores inserem suas ideias em constituições políticas de um período marcado por divisões, facções e guerras<sup>4</sup>; tempo percebido por muitos, a carecer de restauração para salvaguardar a ordem, a liberdade e o bem viver<sup>5</sup>. Nas palavras seguintes, em carta a Francesco Vettori, Maquiavel corrobora esta constatação de Eugenio Garin, em um famoso trecho de suas correspondências; também salienta, em passagem imediatamente posterior a este trecho, os modos pelos quais as recepções das ideias antigas devem ser retidas para que elas possam ser caracterizadas por um saber seguro. Distinguem-se Maquiavel, Guicciardini e também outros italianos, das prevalências da crítica textual que busquem exaurir as causas dos acontecimentos no labor historiográfico, visto que optam por

<sup>3</sup> A valorização da via ativa para o entendimento e para a ação promove não apenas o privilégio de uma disciplina, mas o constante fazer pessoal e coletivo (GARIN, 1978, pp. 16-25). Há, portanto, uma relação clara entre *studia humanitatis* e o *homo faber* a perpassar variadas disciplinas intelectuais, expressões artísticas, organizações urbanas e, sucessivamente, atingindo inúmeros modos de compreensão (GARIN, 1954, pp. 199-102).

<sup>4</sup> Mostra-nos Baron como as constantes guerras itálicas nutrem desejos e sentimentos de Liberdade nos quais as variadas constituições do humanismo italiano integram processos educacionais, políticos e sociais ao longo da península (BARON, 1966, pp. 443-445). Maquiavel expressa seu descontentamento com as facções na cidade de Florença, sobretudo por entender que essas divisões impossibilitavam a prosperidade de uma ordem civil adequada para as necessidades políticas no interior e no exterior da cidade. Os antigos romanos conseguiam, a partir de seus *tumulti*, promover a *civilità* e defender a *libertà*; as cidades itálicas, entretanto, corrompem a ordem e desestabilizam os meios de suas bases de sustentação (IF III.1; D. I 4-6).

<sup>5</sup> Destacam-se *crises* em modos sociais de organização, as quais possibilitam novas ordens e novas percepções. As transformações decorrentes dessas batalhas não impediram que adaptações vitais ocorressem na composição de um humanismo cívico que gradativamente abandona concepções universais de governos, de características imperiais, para constituições de formas civis de inspiração republicana (BARON, 1966, pp. 443-451).

uma historiografia cíclica, útil em suas interpretações na contemporaneidade<sup>6</sup>. O autor florentino em sua famosa, e bastante citada, epístola ao diplomata em Roma, assim descreve sua atividade:

Com a Chegada da noite, eu volto para a minha casa e mergulho nos meus estudos. Logo após fechar a porta, tiro as roupas cobertas de barro e lama para vestir trajes suntuosos e curiais. Assim, vestido apropriadamente, eu entro nas antigas cortes dos homens da antiguidade, nas quais, por eles recebido afetuosamente, me alimento daquela refeição que é somente para mim e para a qual nasci. Aí não me sinto envergonhado de falar com eles e de perguntar-lhes as razões de suas ações, e eles com sua gentileza, me dão suas respostas. Desse modo eu passo quatro horas sem sentir aborrecimento algum, sem me lembrar de meus problemas, sem lamentar minha pobreza e sem que qualquer receio da morte me perturbe. Entrego-me inteiramente a esta conversa (MAQUIAVEL, 2002, p. 103).

Os modos de entender a História em Maquiavel mostram-nos as constantes ascensões e declínios nos acontecimentos humanos, com a possibilidade de um aprendizado a partir dos tipos humanos e de seus exemplos, sobretudo devido à permanência de características similares no presente. Insere-se a História, portanto, em considerações retóricas e poéticas<sup>7</sup> a partir das quais a *Virtù* possa ser cultivada em face às ações da Fortuna. Dialogando com uma concepção cíclica da História<sup>8</sup>, o autor florentino escrutina as ações humanas, as decisões políticas e as sucessões nas ordenações civis das cidades italianas,

---

<sup>6</sup> Há aqui as distinções entre “*annals*” e “*histories*”, mas também as intrincadas relações entre a atividade histórica, o pensamento filosófico e a moralidade. Devem ser consideradas as concepções cíclicas da História, nas quais as repetições das ações são decorrentes de concepções inalteradas sobre o humano durante as transformações do tempo. Nos escritos de Maquiavel, reconstituem-se exemplos a partir de agentes históricos e dos acontecimentos, em que reflexões sobre suas respectivas atividades, aprendizado dos registros passados, indicam possíveis repetições de situações particulares e, portanto, realçam a importância da historiografia (AYLMER, 1997, pp. 249-280).

<sup>7</sup> Os artificios retóricos e poéticos nos textos de Maquiavel perpassam exemplos de indivíduos, e.g., Rômulo, Numa, Moisés, mas também cidades, e.g., Roma e Firenze. De forma distinta ao pensamento histórico crítico, em suas nuances científicas, pensam-se os símbolos, as ações e as cidades por suas atualizações de uma ordem civil (JACOBITTI, 2000, pp. 176-192). As características didáticas e pedagógicas da História promovem indivíduos e instituições a resgatarem o vigor necessário para a vida pública (MARCHAND, 1975, pp. 323-325). Destacam-se os variados meios pelos quais a poética, a retórica, o histórico e o político estão intensa e intimamente entrelaçados nas recepções da obra de Maquiavel por seus contemporâneos (Sasso, 1984, pp. 3-130).

<sup>8</sup> D. I.2. Ao tratar das formas dos regimes políticos, Maquiavel dialoga com o conceito de *anacyclosis*, conforme visto na antiguidade em variados exemplos, i.e., Políbio, Platão, Aristóteles. Tais concepções perpassam tradições bíblicas, patrísticas e medievais (TROMPF, 1979, pp. 179-243). Salienta-se, conforme discutido nos textos de Maquiavel, que esse retorno cíclico nunca é um retrocesso a estado de coisas já vistas, mas uma transformação inovadora impossível de ser prevista, mas possível de ser analisada (COLLINGWOOD, 1994, pp. 61-69).

evidenciando a digna *Virtù*, dos antigos e dos contemporâneos, que deve ser entendida e imitada. As riquíssimas discussões do pensamento político do período mostram-nos como entre imaginações poéticas<sup>9</sup>, concepções historiográficas<sup>10</sup> e sistematizações políticas<sup>11</sup> a antiguidade clássica mescla-se com a contemporaneidade dos eventos em uma rejeição de intenções tirânicas *pari passu* à promoção de um entusiasmo cívico, em declínio devido a um “classicismo divorciado da realidade”<sup>12</sup>. Tornam-se, portanto, essenciais as associações entre os modos educacionais e culturais com a promoção da liberdade da cidade, mediante ativas ações de seus cidadãos<sup>13</sup>. São evidentes os intrínsecos meios pelos quais as imagens do passado antigo e as percepções do presente são apresentados no humanismo cívico italiano. Há, não apenas intensas guerras por domínio político, evidenciam-se intensos conflitos perpassando compreensões civis, identidades culturais e formas de regimes.

Desde os tempos da chancelaria, Maquiavel considera a História uma mestra a guiar as ações humanas, comparando os acontecimentos presentes com as narrativas romanas<sup>14</sup>. Ademais, assumindo o valor didático das histórias antigas, integra as lições apreendidas na

<sup>9</sup> Tomemos como exemplo ilustrativo a recepção do pensamento de Dante Alighieri em Firenze e em outras cidades da península. As discussões e as recepções do pensamento monárquico, assim também as imagens políticas espalhadas nas obras desse famoso personagem florentino, são exemplos significativos de confrontos entre tradições, interpretações e proposições que perpassam todo o tecido cultural (GILSON, 2005, pp. 1-20). As descrições gloriosas de César, e conseqüentemente do império romano, são contrapostas a discursos que valorizavam o regime republicano antigo e, portanto, louvavam o assassinato de César (BARON, 1966, pp. 47-54).

<sup>10</sup> Rompe-se a estrutura rígida de um “*real estático*” por um plano de possibilidades práticas (GARIN, 1986, pp. 9-12). A História como uma educadora da humanidade, uma fonte de conhecimento a partir da memória das ações do humano, integra a formação de uma *civiltà* em suas inserções políticas imediatas. Há uma renovação dos ideais historiográficos antigos, helênicos e latinos, além de enfatizar os constantes conflitos existentes no tecido social entre a nobreza e o povo, combinando erudição histórica e propostas práticas, não apenas na consulta de documentos, mas também incorporando legados populares e constituições culturais (DRAKE, 2005, pp. 633-635; PHILIPPS, 1979, pp. 86-105).

<sup>11</sup> Conforme visto nas recepções do pensamento e da vida de Cícero, repensadas à luz dos debates em torno da monarquia, da república e da tirania. Os quadros historiográfico e político são repensados conjuntamente, visto que as descrições dos antigos e dos contemporâneos efetivam sustentabilidade racional para as ações políticas (BARON, 1966, pp. 121-128; FRYDE, 1980, pp. 533-552).

<sup>12</sup> O famoso texto de Hans Baron descreve a redução do espírito cívico devido à insistência de modelos clássicos nas academias que não encontravam referência na realidade social da população. Indica, assim, o longo caminhar para a vulgarização do saber, juntamente a uma oposição entre regimes tirânicos que forneçam unificação social e buscas de equilíbrio republicano nas *comune* itálicas (BARON, 1966, pp. 315-329).

<sup>13</sup> A conceptualização de uma missão cultural entrelaça-se profundamente com uma perspectiva política de liberdade civil na constituição de uma *civiltà*, as quais perpassam todos os ofícios administrativos e militares (BARON, 1966, 414-428; 430-438). O ideal da liberdade, mesmo em meio aos principados, integra elementos retóricos e educacionais em consonância aos eventos políticos. Skinner busca descrever a constituição dessa ideia em paralelo aos acontecimentos históricos (SKINNER, 2007, pp. 3-68).

<sup>14</sup> Destacam-se algumas teses que receberiam maior atenção e sistematização em suas obras discursivas posteriores, i.e., deliberações rápidas para as tomadas de decisão da cidade, relação de confiança entre as lideranças e os cidadãos, ambição, *Ocasião* e os limites dos benefícios dados para os povos dominados, o problema da fidelidade entre os poderosos. Assim, comparando as circunstâncias presentes e antigas, atesta: “*dunque se vero è che le istorie siano la maestra della azioni nostre*”. Sem desenvolver os motivos pelos quais os romanos deveriam ser imitados, por sua *Virtù*, considera que as ações desses devam ser adaptadas nas ocasiões apresentadas na Valdichiana.

esperança de obter melhores resultados nas ações políticas e militares<sup>15</sup>. Os variados modos de empregar suas técnicas historiográficas desvelam uma preservação dos acontecimentos passados que traga à memória àquilo que possa ter sido esquecido, favorecendo a transmissão das formas e dos modos de agir que foram aceitáveis em condições anteriores – exemplos a serem seguidos em uma relação direta com a práxis política<sup>16</sup>. Assim, o passado é apresentado a partir de suas inter-relações éticas, políticas e morais no presente. As transformações nas ordens civis são contínuas devido aos apetites humanos; os quais, por sua vez, também alimentam essas mudanças. Deve-se, portanto, aprender com a *Virtù* dos antepassados em suas fundações e nos meios utilizados para a manutenção das ordenações, em suas incansáveis batalhas para conter os efeitos das inevitáveis corrupções dos regimes políticos<sup>17</sup>. A educação, a preparação e o desejo de glória são alguns dos meios de cultivar a *Virtù*, mesmo diante das ambições descontroladas e dos desejos desenfreios dos humanos<sup>18</sup>.

Em *Dell'arte della guerra*, os meios pelos quais a História é utilizada como um instrumento didático de promoção da *Virtù* e de preservação da *civiltà* são atestadas nas argumentações militares de Fabrizio, especialmente nos exemplos dos antigos e dos contemporâneos, em suas ordenações táticas<sup>19</sup>, em suas escolhas dos armamentos<sup>20</sup> e nos meios de interação com o ardor religioso (AG II). Esses casos devem ser estudados e adaptados de acordo com a necessidade, pois fornecem uma sabedoria adequada para circunstâncias similares. Ademais, constata-se o enfraquecimento dos ânimos dos humanos ao longo da história, corroborado para o declínio das ordenações antigas por modelos incapazes de realizar as ações bélicas, de exaltar o ânimo patriótico e de instaurar as ordens civis em consonância à *ocasião* presente<sup>21</sup>.

<sup>15</sup>Os matizes desse desenvolvimento podem ser vistos nos escritos de chancelaria em que a impossibilidade de recuperar fatos pretéritos cede espaço para as descrições de circunstâncias similares; assim, as características didáticas são vistas para a melhor tomada de decisão a partir dos exemplos antigos e recentes. (MARCHAND, 1975, pp. 323-325). Os eventos não mais são vistos por características ilustrativas, mas assumem valores pragmáticos pelas repetições constatadas ao longo das transformações históricas”.

<sup>16</sup>Argumenta que para o autor florentino as paixões humanas permanecem as mesmas e o entendimento do passado auxilia nas decisões de um presente considerado decante e sem a força necessária para a defesa da pátria e da *libertà* (MÉNISSIER, 2002, pp. 33-35).

<sup>17</sup> Impossibilitados de conter as mudanças, os humanos podem tentar reconhecer os modos pelos quais as ordens se degeneram, buscando conter os efeitos nocivos das desorganizações sociais (BURNHAM, 1943, p. 62).

<sup>18</sup> D. III. 43. Em seu crescente uso dos *exempla* para escrutinar as melhores possibilidades de ação presente, Maquiavel constata a permanência das mudanças, mas também as circunstâncias similares e as mesmas paixões humanas. Pode-se, assim, ao estudar o ocorrido estar mais apto às vicissitudes da Fortuna.

<sup>19</sup> AG I; III. No primeiro trecho, debate-se a conveniência de milícias contratadas e exércitos próprios; no seguinte, avaliam-se os melhores meios para recuos estratégicos em determinadas situações de batalha. Há exemplificações e reflexões sobre os acontecimentos antigos e contemporâneos em ambos os casos.

<sup>20</sup> AG II. Descrevem-se os variados armamentos para cada situação de batalha, suas vantagens e desvantagens, em direta comparação com as guerras vivenciadas por seus contemporâneos.

<sup>21</sup> AG II. A extinção da *Virtù* antiga é decorrente de um gradual abandono do entusiasmo pela pátria. Por outro lado, as ações para a manutenção de suas ordenações e da *libertà* exigem o cultivo da *Virtù*, vistamos antigos

A escolha das armas para cada condição de batalha é importante, assim também a disciplina e a *Virtù*. Desse modo, o *condottiero* Fabrizio personifica o trabalho historiográfico de Maquiavel ao descrever as atividades dos antigos e dos contemporâneos, i.e., as batalhas físicas, os meios de sustentação do exército, as ordenações militares e civis, mas também ao indicar como esses exemplos devem guiar a conduta presente de acordo com as situações enfrentadas. Assim, compara os sucessos dos romanos com as guerras ocorridas na Itália e com os exércitos alemães, constatando que as infantarias antigas possuíam vantagem devido ao material utilizado em batalha e, portanto, deveriam instruir os seus contemporâneos em combates parecidos. As experiências em batalha de Fabrizio, somadas a suas observações dos acontecimentos pretéritos e presentes, guiam o personagem desse diálogo em seu procedimento historiográfico<sup>22</sup>, desvelando a metodologia, o procedimento e o pensamento de Maquiavel ao longo de todo o seu *corpus* textual.

Temas similares e técnicas análogas são apresentadas ao longo do desenvolvimento argumentativo de *Il Principe*. Ao discorrer, por exemplo, sobre as vantagens e desvantagens das milícias ou das tropas próprias, indica variados casos na antiguidade e em seu presente histórico<sup>23</sup>. Nesse sentido, ecoa as palavras de Fabrizio ao arrazoar que somente a guerra e suas ordenações devem estar na mente do governante<sup>24</sup>, mesmo em tempos de paz deve estar sempre a se exercitar para as batalhas<sup>25</sup>. Em seu treinamento mental, o príncipe deve ler as histórias e considerar as ações dos humanos excelentes, aprendendo com suas vitórias e derrotas, imitando seus acertos e fugindo de seus erros<sup>26</sup>. Assim, um comandante sábio deve imitar àqueles que obtiveram glória, pois esses são exemplos de *Virtù* a serem seguidos.

Ao longo dos *Discorsi* as exemplificações dos personagens antigos e contemporâneos também auxiliam na argumentação de Maquiavel. Ao destacar os motivos pelos quais a *Virtù*

---

exemplos. Assim, há formas civis e religiosas que propagam um enfraquecimento do humano; mas também existem outras que propiciam o fortalecimento do ânimo e das armas, a inserção da *Virtù*..

<sup>22</sup> Destacam-se as discussões sobre as milícias, os armamentos em batalha, a utilização das ordenações militares, o fervor religioso, o contínuo treinamento dos exércitos e ainda variados outros casos em que essa técnica é verificada.

<sup>23</sup> P. XIII. Nesse caso em particular, descreve como o pedido de tropas auxiliares a potências externas resulta em embaraços difíceis de serem superados, independente do resultado vitorioso ou desfavorável. Menciona os casos antigos e recorda a atuação do Papa Júlio II. No caso do armamento dos cidadãos em ordenações civis novas, utiliza-se também do argumento de que alguns relatos históricos atestam esse procedimento (P. XX).

<sup>24</sup> P. XIV. Afirma que nenhuma outra Arte é esperada daqueles que estão no comando, além de atestar que aqueles que pensam mais nos luxos ou delegam a guerra a segundo plano tendem a perder suas posições de comando.

<sup>25</sup> P. XIV, AG II. Tese defendida por Fabrizio e apoiada em Flávio Josefo, o qual indicava que a destreza das tropas romanas era resultante do constante treinamento feito em suas fileiras.

<sup>26</sup> P. XIV. Descreve que os antigos assim procediam, imitando a glória de seus antepassados e buscando realizá-la em seus respectivos presentes.

dos antigos está extinta em sua contemporaneidade<sup>27</sup>, pondera a respeito do aprendizado possível a partir dos exemplos destacados; também reflete sobre os meios pelos quais os valores e as ações modelares possam ser inseridos e cultivados nas cidades italianas<sup>28</sup>. Desse modo, comparam-se os antigos e os contemporâneos para se obter algo útil e prático na superação das crises vivenciadas pelas divisões e pelas facções políticas nas terras itálicas<sup>29</sup>. Reúne, portanto, suas experiências pessoais e seu conhecimento dos antigos para expressar os melhores caminhos de instaurar e defender as ordens públicas contra as infâmias da tirania<sup>30</sup>. Indivíduos, coletividades e cidades são investigados, comparados e apresentados, em um panorama histórico, para que seus sucessos e insucessos auxiliem aos humanos a melhor agir em circunstâncias similares às descritas pelos textos e às observadas nas *comune* itálicas.

Desse modo, ao longo de todo os *Discorsi*, as histórias dos antigos e as coisas humanas (*cose umane*) são conjuntamente apresentadas como bases de sustentação para as avaliações políticas do escritor, referindo-se a diversos temas: dificuldades na promulgação das leis devido às ambições individuais dos humanos<sup>31</sup> ou devido às corrupções das ordens e modificações costumes<sup>32</sup>; modos de incentivar e mediar as denúncias públicas para o bem do viver civil<sup>33</sup>; meios de inibir as calúnias, pois causam prejuízos à ordem pública devido à criação de facções<sup>34</sup>; as maneiras pelas quais a religião instaura amor à pátria, podendo ser

<sup>27</sup> D I. *proem*. A causa da fraqueza recai nos ritos religiosos que afastam o humano da imitação da *Virtù* dos antigos; mas também no desconhecimento da História, que impossibilitaria o humano de vivenciar e sentir sabor genuíno dos acontecimentos passados.

<sup>28</sup> D I., *proem*. Indica-nos os motivos da comparação entre os antigos e os contemporâneos: ter maior conhecimento que permita perceber a utilidade da reflexão histórica e atualizar as boas ações necessárias..

<sup>29</sup> D. I *proem*. Destaca o autor que há uma experiência insuficiente a respeito das coisas humanas e também do passado, mas acredita que em suas investigações, observações e sugestões aqueles que tiverem maior *Virtù*, Ocasão, Fortuna, melhores discursos e juízos possam ter suas intenções satisfeitas. Escrutina-se o passado e o presente para estar mais apto às necessárias ações que são apresentadas

<sup>30</sup> D. *ded*. D I.10. Em sua dedicação dos *Discorsi*, Maquiavel reitera que seus registros reúnem o que ele sabe e apreendeu em sua experiência e em seus estudos das coisas do mundo. Na escolha de um tema que ele não optaria por si, presenteia o escrito àqueles que deveriam ser príncipes, mas não são. Alerta-os, todavia, que não se deixem enganar por brilhos enganosos de regimes e personagens que estabelecem tiranias, pois esses líderes não possuem uma clara percepção de que suas atividades redundarão em revoltas, infâmias, fracassos e desordens.

<sup>31</sup> D. I.3 A perversidade dos humanos e de suas ações recebem destaque na promoção da ordem e das leis que sustentam as instituições sociais, visto que somente agem em face à necessidade dos perigos ou a imposição da coerção legal.

<sup>32</sup> D. I. 49. As dificuldades de manutenção das leis que preservem o princípio da *libertà* civil são vistas em todas as formas de regime, desde a Roma antiga aos modelos utilizados por Florença, especialmente perante as necessidades que demandam reformas e novas criações.

<sup>33</sup> D.I.7. Das acusações civis decorrem punições contra aqueles que busquem destruir a segurança das ordenações públicas. Essas promovem a *satisfação dos humores* dos cidadãos, evitando que meios extraordinários criem divisões e facções na República.

<sup>34</sup> D. I.8. Distingue, portanto, as acusações das calúnias, mostrando como essas últimas são perniciosas, pois, ao dispensarem argumentações coerentes e provas, criam desordens. A calúnia é um elemento presente na

usada para a coesão social e incentivo militar<sup>35</sup>; as dificuldades inerentes às transições dos regimes políticos na manutenção da *libertà*<sup>36</sup>; os modos de recompensar e castigar publicamente os cidadãos<sup>37</sup>; avaliações sobre as repercussões da ingratidão humana para as ordenações públicas<sup>38</sup>; debates sobre as sucessões, os méritos e as funções das magistraturas públicas<sup>39</sup>; combates contra a servidão e rejeição de monarquias tirânicas<sup>40</sup>; meios pelos quais os regimes republicanos são transformados e expandidos<sup>41</sup>; o apagamento da memória da *Virtù* dos povos dominados por modificações sociais, linguísticas e religiosas<sup>42</sup>; a unidade, coragem e *Virtù* dos soldados são mais valiosas que o dinheiro e as fortalezas<sup>43</sup>; a cegueira dos humanos que a Fortuna deseja destruir<sup>44</sup>; as alianças não são conquistadas pelo dinheiro de tributos, mas pela *Virtù*, pela força e pela reputação<sup>45</sup>; a impossibilidade de confiar na

---

história das cidades e bastante utilizada nas brigas pelo poder, tendo como corolários divisões, desuniões e facções: a ruína da ordem.

<sup>35</sup> D. I.9-15. Destacam-se os elogios aos fundadores da ordem, a necessidade de estar só para a reformulação da *civilità* e facilidade de manutenção maior pela coletividade. Compara-se Numa aos processos religiosos cristãos de seu tempo. Em contrapartida, a Cristandade apenas testemunha fraqueza e desordem D. I *proem*.

<sup>36</sup> D. I.16-18. Mostra-nos as transformações dos regimes e as dificuldades de um povo em manter sua *libertà*, seja na criação de uma ordem republicana, seja em uma situação monárquica. Em ambos os casos, as desordens devem ser combatidas e as ordens restabelecidas, imediata ou paulatinamente, mesmo perante as maiores dificuldades. Destaca, assim, o aprendizado e a adaptação à Ocasião, de acordo com o contexto e a população.

<sup>37</sup> D. I. 24. As ordenações públicas prescrevem prêmios e penas aos cidadãos. Observam-se, nos exemplos históricos, que os méritos não são cancelados pelos deméritos e as faltas não são acobertadas pelas boas ações.

<sup>38</sup> D I. 29-32. Dentre as constantes comparações entre o povo e o príncipe, as discussões sobre a ingratidão destacam-se por ecoar as eternas desconfianças dos monarcas por conhecer as ambições e as infidelidades dos humanos. Assim, ao descortinar exemplos históricos, o desejo de expansão e de manutenção da *libertà*, conduz repúblicas e príncipes a ultrajar àqueles que mereciam confiança devido às constantes suspeitas. Há a demanda de indivíduos no estabelecimento das ordens, mas o povo é mais constante e sábio em sua manutenção. D.I.58.

<sup>39</sup> D I. 60. Os méritos e os meios pelos quais as magistraturas são concedidas não podem inibir a *Virtù* de seus súditos, independentemente de suas idades.

<sup>40</sup> D II.2 A determinação dos povos que lutaram contra Roma destaca-se pelo medo da morte, da servidão e das consequências nefastas para as pátrias desses povos. As lições da história demonstram a destruição dos povos e das cidades que foram anteriormente subjugados pela servidão.

<sup>41</sup> D.II.4 De suas observações sobre a história antiga, deduz que as repúblicas são expandidas de três modos: na formação de ligas sem um poder único centralizador; na associação de aliados mantendo um poder centralizador; na formação de súditos. As dificuldades em todos os casos são imensas diante das constantes brigas por soberania. Assim, as conquistas de repúblicas desordenadas resultam em desastres para as ordenações civis. Desse modo, o estudo criterioso da história visa a arrancar os maus exemplos e as crenças que conduzem tais cidades à perdição (D.II.19). Aprende-se sobre os meios de batalhas, mas também sobre os malefícios da expansão de repúblicas mal ordenadas.

<sup>42</sup> D.II. 5. Há Passagens belíssimas nesse trecho em que as extinções das ordens públicas são seguidas por erradicações sociais, religiosas, de costumes e de linguagem. Para Maquiavel, o apagar pleno da memória toscana e a eliminação completa da *Virtù* antiga não foram possíveis devido aos monumentos e à utilização do latim. Eliminam-se poetas, registros históricos, estátuas. Restam apenas traços e resquícios que não inspiram confiança.

<sup>43</sup> D. II. 10; D. II.24 Tema também discutido em *Dell'arte della guerra*, em *Il Principe* e nas descrições das ações de Cesare Bórgia e Castruccio Castracani. Destaca a maior valia dos soldados mais bem treinados e de seus comandantes do que o ouro e as fortalezas.

<sup>44</sup> D II. 29. Os relatos a respeito de Cesare Bórgia e Castruccio Castracani exemplificam essa constatação em outros trechos do *corpus* de Maquiavel, pois, embora esses personagens buscassem estar preparados para todas as possíveis circunstâncias, a Fortuna lhes roubou a glória.

<sup>45</sup> D. II. 30. Famosa temática exemplificada por exemplos históricos antigos e recentes em todo o *corpus* de Maquiavel. Assim, para avaliar a potência de um indivíduo e de uma cidade, deve-se analisar os modos pelos

palavra dada devido ao ânimo humano e a necessidade da força e da reputação<sup>46</sup>; os comandantes dos exércitos e das cidades devem ser livres para agir de acordo com a obrigação, evitando dissensões e inseguranças<sup>47</sup>; as seitas e as repúblicas devem retornar aos seus princípios se querem viver longamente<sup>48</sup>; os meios de contornar conjurações em monarquias e principados<sup>49</sup>; as maneiras sangrentas ou pacíficas pelas quais as mudanças nas ordenações públicas ocorrem<sup>50</sup>; as avaliações críticas dos tempos, das ocasiões e dos estados de um república na qual se deseja modificar<sup>51</sup>; a necessidade de uma *Virtù* conjunta, do comandante e dos soldados<sup>52</sup>; a imperiosidade da *Virtù* em tempos de crise e sua decadência em tempos de prosperidade pela ambição pessoal na proteção de familiares ou membros de facções<sup>53</sup>; atos de misericórdia podem possuir maior influência nas decisões do que o constante uso da força<sup>54</sup>; os abusos contra as mulheres e a desatenção dos governantes a essas ações podem destruir as ordenações civis<sup>55</sup>; os monarcas não podem se queixar dos maus costumes de seus povos, visto que sobre suas condutas recai grande responsabilidade<sup>56</sup>;

---

quais esses interagem com seus pares. Desse modo, os exemplos históricos mostram a urgência da *Virtù* diante da Fortuna para a superação da fraqueza presente perante a potência dos acontecimentos.

<sup>46</sup> D. II, 31. Tese bastante difundida ao longo das obras de Maquiavel, mas que nesse trecho em particular refere aos exemplos históricos daqueles que confiaram em bandidos e exilados, contudo, sem atentarem-se para as paixões e ambições pessoais desses.

<sup>47</sup> D. II, 33. Tema também visto sobre as facções nas cidades italianas e a fraqueza em suas tomadas de decisão. IF. V; VII. Desse modo, para evitar inseguranças e incertezas, defende-se que os comandantes possuam livre comissão em assuntos de segurança pública, sem constante consultas às lideranças civis. Mantinham-se as glórias pessoais e evitavam-se os erros por aqueles que não poderiam estar a par de todos as circunstâncias.

<sup>48</sup> D. III.1. As alterações das ordenações civis são inevitáveis e as tentativas de manter tais organismo saudáveis, constantes lutas contra a corrupção da ordem, exigem retornos aos princípios para que os humanos possam incorporar esses valores primordiais e não seja necessário o uso de medidas extraordinárias.

<sup>49</sup> D. III, 6. Em um longo capítulo, comparado com os demais dessa obra, reitera como as conspirações são terríveis para os príncipes e para as repúblicas. Devem ser contornadas o mais rapidamente possível; todavia exigem muitos cuidados para não arruinarem a ordem estabelecida. Podem demandar, portanto dissimulações, forças, violências e medidas drásticas. Assim, devem ser combatidas com astúcia e cautela.

<sup>50</sup> D. III, 7. Há variadas formas pelas quais as transformações entre *libertà* e servidão são observadas, todos os exemplos devem ser observados.

<sup>51</sup> D. III, 8. Os humanos devem ajustar suas condutas ao tempo e às situações nas quais os regimes políticos se encontram. Do contrário todas as suas ações são ineficazes.

<sup>52</sup> D. III, 13. Com reverberações significativas para as instituições civis, nas quais indivíduos específicos podem ser chamados a realizar atividades particulares, ao mesmo tempo em que as instituições públicas também devem estar bem ordenadas para atualizarem suas maiores potencialidades. Assim, em analogia ao exército, soldados e comandantes competentes são mandatórios.

<sup>53</sup> D. III, 16. Os tempos de paz e de prosperidade propiciam um desdém aos humanos de *Virtù*, favorecendo àqueles que são menos capazes, ocasionado muito descontentamento e desordens. Tema expandido e salientado em muitos pontos das *Istorie Fiorentine*.

<sup>54</sup> D. III, 20. Tema também explorado em *Il Principe* a respeito das aparências das ações, descrevendo casos antigos em que atitudes honradas, e.g., caridade e piedade, propiciaram a afeição do povo e vitória a generais..

<sup>55</sup> D. III, 26. Os clássicos exemplos de Lucrecia e Virgínia são mesclados com as disputas entre estratificações sociais distintas por um casamento em Árdea, destacando como monarcas, tiranos e magistrados não devem se esquecer dos impactos nocivos que esses abusos podem causar para seus regimes.

<sup>56</sup> D. III, 29. Novamente, apresentam-se as imagens dos governantes e suas reputações em grande relevo, ponderando que os súditos possuem os olhares para as atitudes de seus líderes, os quais possuem autoridade para organizar a *civiltà*, mas, muitas vezes, são impedidos por seus próprios vícios.

o exército deve confiar em si e em seu comandante para vencer uma batalha<sup>57</sup>; promessas, ditadas pela força ou sem motivos, não devem ser obedecidas<sup>58</sup>.

Nesses variados contextos argumentativos, e durante toda essa obra, o autor conjuga exemplos recentes e antigos, descrevendo as similaridades entre essas avaliações históricas e indicando os meios pelos quais as ações que buscavam o bem comum e a preservação da *libertà* civil devem ser imitadas – mesmo que para isso seja necessário reformular as noções intelectuais decadentes de seu presente e reintegrar a *Virtù* dos antigos. Há uma constância dos desejos humanos e uma perenidade pendular das formas dos regimes políticos; desse modo, Maquiavel não defende um retorno a um pretérito idealizado, mas salienta que as ordenações civis, imperiosa e reiteradamente, devam ser restauradas aos seus princípios norteadores<sup>59</sup>. Ao expor os benefícios do estudo da História, Maquiavel assevera ser possível a busca pela glória nas ações civis cotidianas, mas, para tanto, é mister aprender com as vitórias e com as derrotas de nossos antepassados remotos e daqueles que viveram antes de nós. Ao mesmo tempo em que cautelas sobre um glorioso passado, em detrimento de um presente miserável, são importantes, avaliar criticamente os contextos e os valores das coisas antigas e contemporâneas também é imprescindível. Salienta, assim, a importância de reinserir a *Virtù* dos antigos para combater a degeneração nas organizações políticas percebida por suas experiências<sup>60</sup> ao mesclar a vivência recente e o aprendizado histórico em um combate às variadas formas de tirania e de corrupção das ordens civis<sup>61</sup>.

Esse ardoroso combate contra a corrupção da ordem civil, em suas manifestações públicas nas divisões e facções existentes nas formas de regime espelhadas ao longo da península itálica, é exposto minuciosamente nas *Istorie Fiorentine*. No desenrolar narrativo dessa obra, as intrigas e as desordens do governo de Florença são apresentadas

---

<sup>57</sup> D. III. 33. Tais atitudes propiciam a superação dos incidentes em campanhas militares, mas emulam as organizações civis em seus processos de deterioração inexorável.

<sup>58</sup> D.III. 42. Menciona nesse trecho, inclusive, *Il Principe* e seu tratamento sobre o assunto. Salienta que a glória pode ser alcançada por ações diversas dependendo da ocasião. Muitos são os exemplos sobre a não necessidade de manutenção das promessas.

<sup>59</sup> D. I. 18; I.55; III.I. Um retorno às mesmas bases de sustentação de ordens civis passadas, formal e materialmente, é impossível. Deve-se, portanto, formar e reformar as ordens civis pelos princípios norteadores apreendidos das experiências, das ações e dos estudos, tomando em consideração a similaridade dos contextos e a permanência dos desejos humanos.

<sup>60</sup> D. I. *proem*; II. *proem*. No próêmio do primeiro livro, destaca a importância de salvar os humanos do erro de se aproximar da história apenas como uma coleção de acontecimentos pretéritos. No livro seguinte, corrobora essa assertiva por considerar impossível conhecer a verdade plena das coisas antigas, mas faz-se possível separar aquilo que possa ser útil. Compara-se, assim, a *Virtù* antiga e a decadência por ele vivenciada, objetivando que aquela seja imitada e essa negligenciada.

<sup>61</sup> D. I. 10. Esses trechos possuem importantes passagens sobre as diferenças vistas entre um principado bem ordenado e um regime tirânico de governo, personificados em Rômulo e César, respectivamente. A eminência da ordem não requer abusos das leis, dos costumes e da *civilità*. Assim, as lições da História ensinam como criar e manter as ordenações públicas.

conjuntamente às desenvolturas políticas da Igreja Romana, às disputas entre os principados italianos, aos avanços do reino Franco e às diplomacias com o império sacro-germânico. Desta forma, ao abordar a questão específica de uma cidade, especificamente à luz dos antepassados diretamente conectados aos Médici, Maquiavel integra à exposição dos acontecimentos vitais para as ações civis florentinas, uma contextualização das instáveis e beligerantes condições sociais da Europa neste período. Desvela suas principais teses sobre o governo das Repúblicas, à luz dos antepassados romanos, avaliando os pretéritos acontecimentos florentinos e diagnosticando as potencialidades das ações políticas em sua contemporaneidade, sempre salientando a utilidade dos exemplos históricos.

Por desejar expor as maneiras pelas quais Florença ergueu-se e estabeleceu-se no contexto político das *comune* italianas, convivendo com inúmeras guerras e com as interferências externas, Maquiavel retrata a ruína do domínio romano e a destruição da unidade política antiga por diferentes povoações. Conforme salientado na Dedicatória da obra a Clemente VII, o historiador ambiciona mostrar todas as destruições dos principados sucederam ao império romano (IF. *ded.*). Assim, o leitor da obra constata como pontífices, venezianos, o reino de Nápoles e o ducado de Milão disputaram o poder na província itálica, mas também como Florença, apesar de suas divisões, encontrou sucesso nas ordenações promovidas pela casa dos Médici<sup>62</sup>. Revela, assim, a constante interação entre as considerações internas de Firenze em meio a disputas políticas e territoriais que envolvem outras cidades italianas, o reino francês, o papado e o Império. Não obstante a constatação destes acontecimentos, em uma relação direta com a argumentação sobre as formas de regime, Maquiavel pondera a respeito dos costumes, das divisões e das facções em uma República, perante as vicissitudes e as necessárias tomadas de decisão<sup>63</sup>. Utiliza-se do exemplo romano para diagnosticar diferenças essenciais entre o modo florentino e o existente na cidade antiga, visto que aqueles preservavam a ordem e a libertà; enquanto esses

---

<sup>62</sup> IF. *ded.* Bastante conhecidas e discutidas são as tensões argumentativas existentes sobre a composição dessas histórias comissionadas, em que o destinatário pode ser entendido como amigo ou como inimigo, de acordo com o contexto de leitura das argumentações propostas por Maquiavel (NAJEMY. 1982, pp. 551-576; MACFARLAND, 1999, pp. 133-146). O próprio autor, inclusive, vê-se obrigado a incluir justificativas sobre a justeza de suas descrições pelas ordens dadas por Clemente VII e pelas propostas historiográficas do autor. Situação similar encontrava-se o autor também em seu *Discorso* sobre as reformas necessárias na cidade de Florença, *discursus florentinarum rerum*.

<sup>63</sup> I.F. II.1; III. II; VII.5. Nos variados processos de fundação, sustentação e expansão das ordens republicanas, as desuniões das cidades itálicas são expressas nesses e em outros trechos das *Istorie*, descrevendo o modo como essas propiciaram grandes dificuldades para os governos.

destruíam as ordenações civis nas constantes lutas das facções e dos indivíduos<sup>64</sup>. Tais considerações são salientadas na *satisfação dos Umori* da população<sup>65</sup> e nas constantes divisões em facções que brigam por privilégios sem considerar o bem comum (DRSF XXIII-XXIV)<sup>66</sup>.

Apresenta seus objetivos de superação das muitas divisões em Florença pelas lições apreendidas na História, diagnosticando as causas do surgimento de certas facções e a desunião civil, a fim de constatar os meios de evitar a destruição da ordem<sup>67</sup>. Desse modo, escrutinizam-se as razões pelas quais tais divisões extinguem gradualmente a *Virtù*, em níveis individuais e civis, que viabilizam o surgimento de regimes políticos inadequados<sup>68</sup>. Reitera, assim, a posição discutida nos *Discorsi* sobre a importância de uma ação individual na criação de leis para a manutenção da ordem civil ao comparar os antigos romanos e seus contemporâneos itálicos<sup>69</sup>. As ambições humanas não mudam, seus *Umori* devem ser satisfeitos em todas as estratificações sociais. O pêndulo da História, variando entre ordem e desordem, exige uma *Virtù* que empunhe as letras depois das armas, impedindo um ócio inútil de desestabilizar os ânimos dos cidadãos e de eliminar o amor à pátria<sup>70</sup>. Exige-se, portanto, superar as desordens, as conspirações, as desuniões e as invejas que sejam perniciosas à estabilidade das cidades, sobretudo quando essas perpetuam brigas de facções<sup>71</sup>.

Os modos de entender a História em Maquiavel mostram as constantes ascensões e quedas nos acontecimentos humanos. Ademais, com a possibilidade de entendimento dos

<sup>64</sup> I.F. 3.I. Tese defendida nos *Discorsi* e analisada anteriormente. Os constantes desejos humanos por comando podem gerar disputas legais que fortaleçam os regimes políticos ou causem sua ruína. Os efeitos e as consequências são díspares em Roma e em Florença.

<sup>65</sup> P. IX; XIX; D. I.4; II. 37; III.9; IF III.I, 21; VII. 19. DRSF XXIII-XXIV. As ambições e os desejos humanos devem ser satisfeitos na instauração e na manutenção das ordens públicas, minimizando conflitos desnecessários e maximizando suas potencialidades para o fortalecimento civil.

<sup>66</sup> DRSF XXIII-XXIV.

<sup>67</sup> IF. *proem*. Aprende-se a superar tais perigos e constata-se também que uma divisão conduz uma cidade à ruína, então, Florença, por possuir tantas ao longo do tempo, encontrou-se sempre desorganizada e a beira do colapso. Todavia, a *Virtù*, o engenho e ânimo de seus cidadãos retinham a malignidade dos acontecimentos.

<sup>68</sup> IF III. I. Em Roma, cultivava-se uma *Virtù* que estimulava maior potência. Todavia, em Florença as divisões, disputas por magistraturas, exílios extinguíam ânimos, costumes e boas ações. Desse modo, um astuto governante poderia efetivar um principado ou uma forma de domínio que agradasse aos partidos necessários para o manter no poder.

<sup>69</sup> D. I.II; D.I.58; IF IV.I. Integra seu diagnóstico das desuniões civis a possibilidade da ordenação individual e a manutenção coletiva de um governo.”

<sup>70</sup> IF V. Tema a ecoar o insucesso de um profeta desarmado. Descreve, assim, como as coisas antigas e novas são úteis para a aprendizagem, pois possibilitam que as deteriorações das ordens civis sejam combatidas adequadamente no devido tempo pela imitação da *Virtù* vista em outros..

<sup>71</sup> IF VIII.I; D. III. 6. Menciona a complexidade do assunto e reporta aos *Discorsi* para um tratamento mais detalhado. Todavia, reitera o visto no livro anterior das *Istorie*, as facções presentes em Florença não estimulam a *libertà* e os processos de ordenação civil, mas causam perdas significativas à cidade e promovem instabilidade.

tipos humanos pelos exemplos ocorridos na antiguidade e no passado recente, o estudo das coisas humanas – *cose umane* – auxilia àqueles que buscam enfrentar as vicissitudes da Fortuna com *Virtù*, nas inevitáveis corrupções das ordenações públicas. Devido à permanência de características históricas similares, assim também às constantes ambições e desejos humanos ao longo do tempo, a *Virtù* deve ser cultivada em face às ações da Fortuna. Dialogando com uma concepção cíclica da História, escrutina as ações humanas, as decisões políticas e as sucessões nas ordenações civis das cidades antigas e das *comune* itálicas, evidenciando uma disparidade entre a digna *Virtù* dos antigos e a decadência de seus contemporâneos. As concepções e as ações antigas, portanto, devem ser entendidas, em seus contextos, e imitadas no presente. Ao se discutir os métodos e as vias historiográficas existentes no *corpus* de Maquiavel, evidenciam-se os diversos meios de promoção da *Virtù* em consonância e dissonância aos pensadores do humanismo cívico italiano. As riquíssimas discussões do pensamento político do período mostram-nos como entre imaginações poéticas, concepções historiográficas e sistematizações políticas, a antiguidade clássica mescla-se com a contemporaneidade dos eventos. Os artifícios retóricos e poéticos nos textos de Maquiavel reúnem exemplos de indivíduos, e.g., Rômulo, Numa, Moisés, mas também de cidades, e.g., Roma e Firenze. Essas imagens do passado tornam-se essenciais nas associações entre os modos educacionais e culturais na defesa da *libertà* de uma cidade, mediante ativas ações de seus cidadãos. Constatam-se não apenas intensas guerras por domínio político, evidenciam-se intensos conflitos perpassando compreensões civis, identidades culturais e formas de regime.

### Referências Bibliográficas

AYLMER, G.E. “Introductory Survey: From the Renaissance to the Eighteenth Century” em BENTLEY, Michael (Org). *The Routledge Companion to Historiography*. New York: Routledge, 1997, pp. 249-280.

BARON, Hans. *The Crisis of the Early Italian Renaissance*. Princeton: Princeton University Press, 1966.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.

BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter. Introdução: Jacob Burckhardt e o Renascimento Italiano. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter. *O Renascimento*. Lisboa: Texto e Grafia, 2014.

BURNHAM, James. *The Machiavellians: Defenders of Freedom*. New York: The John Day Company, 1943.

COCHRANE, Eric. *Historians and Historiography in the Italian Renaissance*. Chicago: Chicago University Press, 1981.

COLLINGWOOD, R.G. *The idea of History*. New York: Oxford University Press, 1994.

DRAKE, Richard. "Leonardo Bruni and Humanist Historiography" *The European Legacy* 10.6, 2005, pp. 633-635.

DUGGAN, Christopher. *História Concisa da Itália*. São Paulo: Edipro, 2016.

FRYDE, Edmund. "The Beginnings of Italian Humanist Historiography: The 'New Cicero' of Leonardo Bruni" *The English Historical Review* 95, 1980, pp. 533-552

GARIN, Eugenio. *Medioevo e Rinascimento: Studi e Ricerche*. Bari: Editori Laterza, 1954.

GARIN, Eugenio. *Scienza e Vita Civile Nel Rinascimento Italiano*. Bari: Editori Laterza, 1975.

GARIN, Eugenio. *L'Umanesimo Italiano: Filosofia e Vita Civile Nel Rinascimento*. Bari: Editori Laterza, 1978.

GILSON, Simon. *Dante and Renaissance Florence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HANKINS, James. *Virtue Politics: Soulcraft and Statecraft in Renaissance Italy*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

JACOBITTI, Edmund E. "The Classical Heritage in Maquiavel's Histories: Symbol and Poetry as Historical Literature" em SULLIVAN, Vickie (Org). *The Comedy and Tragedy of Maquiavel: Essays on the Literary Works*. New Haven: Yale University Press, 2000, pp. 176-192;

MACFARLAND, Joseph C. "Machiavelli's Imagination of Excellent Men: An Appraisal of the Lives of Cosimo de Medici and Castruccio Castracani" *American Political Science Review* 93.1, 1999, pp. 133-146.

MAQUIAVEL, Niccolò. *Opere Volume Ottavo*. Firenze: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, 1813.

MAQUIAVEL, Niccolò. *Opere complete di Niccolò Machiavelli Cittadino e Segretario Fiorentino*. Firenze, Tip. Borhi e Compagni, 1833.

MAQUIAVEL, Niccolò. *Tutte le Opere di Niccolò Machiavelli a cura di Francesco Flora e di Carlo Cordiè – 2 volumi*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1949.

MAQUIAVEL, Niccolò. *Maquiavel: The Chief Works and Others 3 vol. Translated by Allan Gilbert*. Durham: Duke University Press, 1989.

MARCHAND, Jean-Jacques. *Niccolò Maquiavel, I Primi Scritti Politici (1499-1512): Nascita di un Pensiero e di Uno Stile*. Padova: Editrice Antenore, 1975.

MÉNISSIER, Thierry. *Le Vocabulaire de Machiavel*. Paris: Ellipses édition Marketing, 2002.

NAJEMY, John. "Maquiavel and the Medici: The Lessons of Florentine History" *Renaissance Quarterly* 35.4, 1982, pp. 551-576;

PHILLIPS, Mark. "Maquiavel, Guicciardini and the Tradition of Vernacular Historiography in Florence" *The American Historical Review* 84.1, 1979, pp. 86-105.

SASSO, Gennaro. "Guicciardini e Maquiavel" em *Francesco Guicciardini 1483-1983: nel V centenario della nascita*. Firenze: Leo S Olschki Editore, 1984, pp. 3-130.

SKINNER, Quentin. *The Foundations of Modern Political Thought vol 1: The Renaissance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TROMPF, G. W. *The idea of Historical Recurrence in Western Thought: from antiquity to the Reformation*. California: University of California Press, 1979.

Recebido em: 30 de agosto de 2021

Aprovado em: 07 de dezembro de 2021